

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATARINA

Anno I

Desterro -- Domingo 6 de Julho de 1879

N. 30

O ARTISTA

Desterro, 6 de Julho de 1879.

REUNIÃO ARTISTICA

Realizou-se no domingo a installação da Associação Beneficente dos Artistas, de que tratamos em nosso n.º passado e da qual é fundador o Sr. Dr. Genuino, a quem felicitamos por semelhante motivo.

A sua numerosa Directoria, composta de pessoas muito competentes pela sua probidade, dedicação e prestimo, cujos nomes abaixo publicamos, nos garante a estabilidade e progresso que desejamos a essa estimavel corporação.

Presidente: Dr. Genuino Firmino Vidal Capistrano.

Vice-presidente: Camillo José de Souza.

1.º secretario: João Antunes de Sant'Anna.

2.º dito: Alfredo da Costa e Albuquerque.

Thesoureiro: João de Souza Freitas.

Syndico: Domingos Ramos d'Oliveira e Silva.

Conselheiros: Joaquim José Alves Bezerra, José Francisco Brasil, Domingos José de Souza, José de Souza Freitas, José Joaquim Lopes Junior, Antonio Joaquim da Silva Simas, Ludovino Jose de Oliveira, Guelfo Zanirati, José Dutra, Francisco Grisard, Guilherme Christiano Lopese João Firmino Beirão.

Procuradores: Martinho José Callado e Silva, Antonio Joaquim Soeiro, Antonio Vieira Brasil, Joaquim Uriart e Antonio Gastão.

O socialismo

O verdadeiro governo cujas leis são demonstradas pela natureza é — o socialismo.

Todos os povos foram formados conforme o systema social.

Quando se revolve as folhas da Historia, quando se passa os olhos pelos factos do passado, vê-se que a natureza nos dispz conforme — o socialismo.

O socialismo é o remorso que de continuo atormenta a Realeza e os favoritos.

O socialismo é um raio que ameaça destruir o monumento do orgulho e a nobreza.

Jesus Christo, aquelle profundo philosopho, que tantas vezes recusou as coroas e grandezas que lhe davão a adulação do povo, pregava o-Socialismo.

Quem nos contradirá tal cousa ?

Elle queria a união dos povos e portanto o socialismo porque é o edificio da união.

Amai-vos uns aos outros, dizia elle a seus discipulos.

Estas palavras tão doces do martyr do Calvario erão a traducção do systema do socialismo.

A liberdade com que elle pregava nas synagogas apezar dos doutores e sacerdotes era a demonstração da liberdade do cidadão e da liberdade de consciencia.

No Evangelho elle traça o socialismo dizendo que cada um deve se servir dos talentos a bem de todos.

Esta é a base da columna social.

A espada e o machado foram e são os instrumentos terriveis da vingança dos Reis e dos favoritos.

Christo abolia a sentença de morte, dizendo:

Não matarás.

A prova que a natureza formou os povos para o socialismo é que a França no tempo em que o despotismo havia esten-

FOLHETIM 11

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

POR

ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

—Antonio, bradou o capitão, Antonio. Mas onde diabo é que tu estás, maldito?

—Aqui estou, commandante, disse o grumete, passando a cabeça pela escotilha.

—Vai-me accender o meu cachimbo, porque, se me não engano, o baile vai principiar.

Nesse momento appareceu uma peque-

na nuvem branca na amurada do navio mais proximo de nós. Depois ouviu-se um surdo rumor como quando se toca bumbo no theatro. Vi voar um estilhaço da amurada do brigue, e um artilheiro que trepara ao reparo da sua peça veio-me cair para cima dos hombros.

—O meu amigo, disse eu, não esteja a brincar d'esse modo!

E, vendo que elle se não tirava, empurrei-o. O artilheiro caiu. Foi então que olhei para elle com mais attenção. O infeliz já não tinha cabeça.

Este espectáculo atacou-me os nervos de tal modo, que, cinco minutos depois, sem saber como, estava no fundo do porão. Não sei o tempo que lá estive, mas ouvi uma algazarra de instrumentos de cobre, como eu nunca ouvira no theatro de Marselha, depois a algazarra succedeu um acompanhamento de baixos profundos, que parecia que Deos estava a

tocar a symphonia do fim do mundo. Devo dizer que não estava à minha vontade.

Emfim, passado tempo, sinto socegar o navio, nem por isso deixei de estar mais uma hora muito soceguinho no fundo do porão. Emfim, notando que cessara todo o movimento, subi a escada, fui ter à coberta; na coberta havia grande socego, e só se ouviam os gemidos de alguns feridos. Animei-me e subi à tolda. Estavamos fundeados.

—Então, disse o capitão Garnier baltendo-me no hombro, estamos chegados, sr. Louet.

—Mas effectivamente, disse eu, capitão parece que estamos em sitio seguro.

—Graças a tempestade que eu previra, os inglezes tiveram tanto que fazer para se salvar, que não tiveram tempo de pensar em nós, de forma que lhes passámos litteralmente por entre as penas.

LITTERATURA

Julietta

POR
HORACIO NUNES

V

Annibal ficou indeciso um instante, passou a mão tremula pela fronte, e olhou para o velho, que dormia, e para a mulher; que chorava....

O amor venceu.

Quando não vence o amor ?

O mancebo murmurou suspirando :

—Assim o queres....ficarei .

—Fica... eu quero que fiques...

Mal a moça pronunciara estas palavras, um trovão fortissimo abalou a casa e o velho balbuciou:

—Julietta....é a minha alegria....

Era um aviso do céu.

Julietta ficou surda à voz da Providencia.

Deixaram a sala.

Chegados que fôram à alcôva de Julietta, Annibal disse:

—Julietta, quero retirar-me...

—Queres retirar-te?... Porque?..

—Ouves ?

Ouço. E' o trovão, que ribomba.

—Ouves ?

—Ouço. E' o vento, que sibilla.

—Ouves ?

—Ouço. E' o rayo, que cãe.

—Ouves

—Ouço. E' meu pai, que sonha.

—E o que te-parece tudo isto, Julietta?

—Nada.

—Não crês que tudo seja um aviso da Providencia, que quer amparar-nos ainda à beira do abysmo ?

Aristophanes.

dido suas azas no tempo em que o povo era escravo dos barões, condes, duques e de quantos nobres habitavão os castellos e palacios, nesse tempo, ella elevou a communa, sopra vivificante da Republica, primeiro passo para o socialismo !

Alexandre, rei de Macedonia, em sua marcha para a Asia, tentou atacar o rei Tascilo; mas este veio ao encontro e disse-lhe:

« Que necessidade temos nós de combater, ó Alexandre, se vós não pretendeis roubar-nos, nem a nossa agua, nem o nosso alimento, as unicas cousas pelas quaes uns homens sensatos devem combater ?

« Enquanto ao que chamão riquezas, se eu sou mais rico que vós estou prometo a repartir metade dellas com vósco. »

Estas palavras mostrão que até os povos barbaros da Antiga Asia tinham tendencias para o socialismo, porque como diz Vesinier, os homens não se devem matar uns aos outros em nome da nacionalidade. A terra foi feita para todos e todos somos iguaes e irmãos por direito natural.

A sociedade está arruinada, a nobreza não convem entre os homens, porque Deus não a creou, foi formada por nós; a nobreza tira o direito do povo, sepulta o valor do talento, desmerece os artistas e governa á sua vontade.

A nobreza é o quartel do orgulho.

A nobreza (apezar da religião) faz aviltar os filhos de Cham, os pobres Africanos !!!

O socialismo é a verdadeira forma de governo, é a constituição da sociedade, formada n'uma logica pura e verdadeira.

—Oh ! oh ! como se fossem o colosso de Rhodes.—Os senhores sabem que os navios, ao que dizem os historiadores, tinham a baixeza de passar por entre as pernas do colosso—de forma, continuei eu, que aquella provavelmente é a ilha de Santa Margarida.

—Que está a dizer ?

—Digo, tornei mastrando uma ilha que eu via no horisonte, que aquella provavelmente é a ilha de Santa Margarida, onde esteve prêzo o Mascara de ferro.

— Aquillo ? disse o capitão.

—Aquillo, sim.

—Aquillo é a ilha d'Elba.

—Como ? a ilha d'Elba. Ou me enganam os meus conhecimentos de geographia, ou a ilha d'Elba não está tão perto de Toulon.

—Mas onde é que o senhor vai agora buscar Toulon ?

—Então aquella cidade não é Toulon? o porto onde estamos não é o porto de Toulon ? Emfim o capitão, quando partiu, não disse que partia para Toulon.

—Meu caro sr. Louet, sabe o proverbio: O homem põe...

—E Deus dispõe, sei, é um proverbio muito philosophico.

—E sobretudo muito veridico. Deus dispoz.

—Dispoz de que ?

Dispoz de nós.

E ende é que nós estamos então.

Estamos em Piombino.

Em Piombino ? exclamei eu. Que me está senhor a dizer? Mas se isto continua, venho a regressar a Marselha pelas ilhas Sandwich, onde foi morto o capitão Cook !

O que é facto é que não vai lá muito

—Não.

—Adeus, Julietta !...

—E eu, Annibal ?..

—Tu !...Para que queres perder-te ? para que queres perder-me ?... E' tempo ainda...

—Já me não amas, Annibal ?—disse ella, chorando.

Annibal ajoelhou-se e tomou-lhe as mãos:

—E quem te-disse que eu te não amo, creança ?..

Julietta apertou com os mimosos braços a fronte de Annibal e conchegou-a ao seio.

O delirio apoderou-se de ambos.

O homem tentou fugir ao abysmo, mas a mulher precipitou-o n'elle. E' sempre assim.

VI

Uma hora depois, Annibal despedia-se da moça

—Quero ir contigo...

—Ir commigo ? Para que ?

—Não sei... Vamos !...

—E teu pai ?

—Por ti, esqueço tudo...

—Menos elle !

—Tudo: pai, honra, dignidade e brio !

—Inlouqueceste, Julietta ?

—Não !

—Intão, fica... Adeus !...

—E sahiu, sem voltar o rosto.

VII

Annibal caminhou longo tempo, silencioso, triste, melancholico.

Depois sentou-se em uma pedra á beira da estrada, e, pendendo a fronte, pensou...

Passado um instante, uma mão pequenina e macia tocou-lhe no hombro.

Annibal ergueu-se:

nó caminho de Marselha, isso não vai. E é que estou muito longe da minha patria !

E eu que sou da Bretanha !

Como ha de ser isto da volta ?

Para a Bretanha ?

Não, para Marselha.

Meu caro senhor, temas a via maritima, pelo meu navio.

Obrigado, fiquei farto.

E a via terrestre por um *vetturino*.

Prefiro a via terrestre, prefiro-a até muitissimo.

Pois então, meu-caro sr. Louet, vou mandal-o desembarcar.

Faz-me muito favor.

Continua

—Aqui, Julieta?
—Acompanhei-te.
—Que loucûra foi essa, minha querida?... Volta.

Vai ter com teu pai, que talvez já despertasse e procure por ti...

—Quero ir contigo.
—Não tens pena de deixar o pobre velho n'aquella solidão?

—Quero ir contigo.
—Não tens medo da tempestade que rugue sobre nossas cabeças?

—Quero ir contigo.
—Voltemos!
—Annibal!
—Voltemos!
E voltaram.

VIII

O velho estava à porta, chamando Julieta.

Annibal e Julieta approximaram-se. Um trovão estrugiu medonho no espaço caliginoso...

Uma ficta de fogo rasgou as nuvens. O anciao deu um grito e cahio... O rayo fulminara-o. Julieta correu para o pai.
—Meu pai!— bradou.
O velho não respondeu.
—Meu pai!...
O mesmo silencio.

Julieta, intão, cahio de joelhos, e erguendo os formosos olhos rorejados de lagrymas para o céu, soluçou:

—Mais um rayo, meu Deus!...
Cahiu mais um rayo.
Annibal foi a victima.

Julieta olhou desvairada para o seu amante, para seu pai, para o céu, e deu uma gargalhada.

Inlouquecera.

IX

No dia seguinte, os primeiros camponezes, que passaram, viram uma mulher ajoelhada entre dous cadaveres carbonisados.

Fallaram-lhe.
Ella olhou-os um momento.
Depois murmurou sorrindo:
—Que querem?...
E levantando-se:
—Foi Deus que os-matou...
E ria-se a desgraçada.
Depois correo para dentro.

Ouvio-se intão o som harmonioso de uma lyra e uma melodiosa que cantava.

Os camponezes interraram os dous corpos.

D'ahi em diante, Julieta ia todos os dias com a sua lyra, cantar sobre as duas sepulturas, assignaladas apenas por duas toscas cruces pinctadas de negro.

A malaventurada não sabia que cantava sobre o cadaver de seu pai.

Continúa

POESIAS

Os dois amigos e a locomotiva

Fabula original, feita na cõrte em 1877

Dois amigos conversavão
No trem, por manhã d'estio,
Ao som do vento alfario,
Que soprava com dulçor.
Do progresso era o primeiro
Adorador exaltado;
O segundo moderado,
Di-corria sem calor,

« Amigo (diz o primeiro),
Mortal golpe ao despotismo!..
Guerra ao ultramontanismo!..
Treva morra... viva luz!..
Morte a Cezar, morte ao papa,
Queda aos christãos monumentos!..
Prostar em terra os conventos...
Quebrar as azas e a cruz!...»

« De vagar (diz o segundo) !
Contempla a locomotiva,
Vero quadro, imagem viva
Do progresso da razão.
Lenta caminha recua,
A força vai gra luando,
A carreira acelerando
Sò distante da estação.

Eis a senda do progresso
Pela natura indicada;
Si ella fôr precipitada...
Tudo, certo, morrerá.
Amigo, si a tolerancia
Não reinar por toda parte,
Sciencia, commercio e arte,
Nada d'isto vingará. »

W. Bueno

Logogripho

(Acrostico por letras)

O logogripho, leitor,
E' p'ra quem quizer matar,
S'és valente caçador,
Eil-o ahi, podes caçar.

Mas sempre te vou dizer
Que, se fôres aprendiz,
Busca outro que fazer...
Não mettas cá o nariz.

Mil males nos tem causado -7-6-3-1-4
As cruzeas d'um tyranno;-7-9-10-4
Insolente e mui peverso, -3-6-4
Só sabe ser deshumano. -1-8-10-4

Todos o tem por inimigo; -7-8-3-4
Até mesmo esta donzella, -7-2-3-11
Respeitando a sua cólera, 9-10-6
Deu um nome a esta bella, -9-10-9-6
E livrou-a d'um perigo -5-11-9-4

Com a fresca da manhã,
Vai sua flôres regar,
E mais tarde, na janella,
Vai-se por a namorar.

Desterro, Julho de 1879.

NOTICIARIO

Jornaes

Agradecemos ás respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Despertador, Regeneração, Conservador, O Caixaero de (Porto Alegre), Theophillo Ottoni e o Echo das Damas.

Imprensa.—Pelo ultimo paquete da Cõrte tivemos o grato prazer de receber o *Echo das Damas*, orgão dos interesses da mulher, alli recentemente creado pela Exma. Sra. D. Amelia Carolina da Silva, e de que são collaboradoras as mais abalisadas Escriptoras brasileiras e portuguezas.

A leitura de tão recommendavel jornal muito nos agradou, e entre varios pensamentos brilhantes que alli encontramos, não podemos deixar de reproduzir o seguinte:

« Educa a mulher para anjos de caridade e não para odaliscas e bacchantes, aproveitai os immensos thesouros de paciencia, de caridade e devotação que o hom Deus encerrou no seu coração, se quereis ter esposas verdadeiramente boas e uteis, mães sabiamente extremosas, se anhelaeis, em uma só palavra, melhorar a sorte de toda a humanidade nos seculos futuros. »

Suicidio.—Fomos surprehendidos com a infausta noticia, transmittida da Laguna, por telegramma, de haver fallecido, afogado, no dia 27 do mez findo, o professor publico d'aquella cidade, Snr. Guilherme Willington, que depois nos informaram ter-se suicidado na manhã do referido dia, afogando-se, na lagõa da Freguezia de Imaruhy, onde havia ido à passeio e em cujo Cemiterio foi sepultado.

O finado, que era natural dos Estados Unidos, viera ha annos para esta Provincia exercendo a profissão de artista, e se naturalisara Cidadão Brasileiro aqui onde exerceu o cargo de Lente no antigo Lycéo Provincial, de grammatica Ingleza, que tambem lencionou particularmente

Não sabemos qual o motivo deste suicidio, que muito lamentamos, dirigindo à Exma. Viuva, filhos e parentes do finado os nossos sentidos e sinceros pesames.

Dezenove de Junho

O Club desta denominação elegeu na 3ª feira 24 do mez findo a directoria que tem de funcionar no segundo semestre do corrente anno ficando assim composta:

DIRECTOR

Firmino Lopes Rego

VICE-DIRECTOR

Joaquim Olympio C. da Costa.

1º SECRETARIO

José da Silva Cascaes.

2º dito.

Martinho José Callado.

THESEUREIRO

Guelpho Zanirati

1º PROCURADOR

João Floriano da Silva

2º DITO

João Francisco da Silva Dutra.

COLLABORAÇÃO

Ilm. Sr. Capitão Joaquim Francisco Lavra.

Em Pernambuco.

S. Catharina 11 de Janeiro de 1866.

Pelo meu patricio e amigo o Ilm. Sr. Trajano Augusto de Carvalho, que regressa agora para essa Provincia, remetto á V. S. a espada do finado Sr. Brigadeiro Antonio Fernandes Padilha, seu digno Sogro e meu sempre lembrado Amigo, que, como V. S. sabe, havia-lhe declarado em carta que lhe endereçou, datada, se me não engano, de 1º de Setembro de 1864, queria que fosse entregue a sua estimada Filha, a Exm. Esposa de V. S., quando se dêsse o seu fallecimento.

Satisfeito por caber-me a incumbencia desta remessa da qual me encarregou o amº Sr. José Tertuliano da Sª Fragoso, ent cujo poder se achava aquella espada, e satisfeito ainda por ser encarregado de sua entrega uma possoa notavel pelo seu merito e talentos, como é o Sr. Trajano, á quem confiei esta importante missão, saúdo respeitoso á Exma. Snrª. D. Balbina, á cujas mãos espero chegará essa grande lembrança de seu Pai, que lhe inspirará saudade e lagrimas, mas que deve ao mesmo tempo ser um objecto de justa gloria para S. Ex. e sua illustre Familia, pelas gratas recordações que encerra.

Sou de V. S.

amº venº crdº

M. B. A. VARELLA.

Esta carta foi lida em sessão magna da Sociedade Amor ás Letras, de 22 de Maio de 1870, pelo seu auctor, socio hono-

rario da mesma, por occasião de dissertar-se sobre—o Soldado Brasileiro.

Consta isto do *Constitucional* (de 27 d'aquelle mez) periodico politico, industrial e tambem litterario e noticioso, redigido pelo Ilm. Sr. Major Paulicea Marquês, Presidente Honorario d'aquella Associação, que á respeito disse bondosamente o seguinte:

Na Sociedade « Amor ás Letras » teve lugar a 22 uma sessão magna, em que leu o Sr. Varella uma bella biographia do illustre e saudoso General Antonio Fernandes Padilha, e uma carta com que remetteu a espada d'esse distincto militar á uma sua Filha residente em Pernambuco.—O Sr. Carmona leu a sua dissertação sobre o Soldado Brasileiro e um Opusculo de A. de Vigny sobre o *Soldado*.—

O Sr. Paulino leu a sua bella producção poetica sobre o *Soldado Brasileiro* e a breve dissertação do sr. Brasilicio, que estava ausente, sobre o mesmo assumpto. »

A PEDIDO

Collegas

O noticiarista do « *Conservador* » injusto foi para commigo quando apreciou o meu escripto sobre o Communismo. Em outra epocha ter-lhe-hia respondido, como se deve responder a homens que se supõem *infallíveis*,

Hoje me contento apenas em lembrar ao illustrado noticiarista que expurgue melhor a sua consciencia, afim de não descobrir nos outros o que parece ter em si...

Forçado sou quando estas linhas escrevo, pois o silencio era a minha intenção. Fil-o e me não arrependo de ceder ao bem.

Termino com as seguintes palavras de S. Paulo: « não busco o meu proprio proveito, senão o de muitos, para que sejam todos salvos. »

E' possivel que já queirão affirmar que pretendo igualar-me a S. Paulo. Se o disserem, nada dizem de mais pois tenho já por vezes declarado que se Saulo pôde ser S. Paulo, o escriptor destas linhas pôde com o auxilio Providencial ser mais do que é, sem necessitar das louvaninhas de adversarios injustos, nem de protecção dos potentados da terra. Nem mais uma palavra.

S. José, 4 de Julho de 1879.

PAULINO DE ALBUQUERQUE.

VARIÉDADE

As mulheres feias

(Continuação do n. 29)

A mulher feia é uma necessidade ur-

gentissima como a agua, o sol, o dinheiro, o alimento emfim!

Passieia-se com um feia, ninquem repara, ninguem folla, ninguem olha mesmo.

Dá-se o braço, a uma mulher bonita, o alarma persegue-nós d'uma maneira irresistivel:

—Quem será ella?

—Pois fulano casou-se já!

—E' noiva, de certo!

—Ou prima?!

—Formosos olhos!

—E que pés! Dos prodigio de miniatura!

—Feliz patife!

—Aquelle ladrão sempre teve gosto, valha a verdade.

Amanhã vou perguntar-lhe onde desencavou aquella serieia.

E no dia seguinte não faltarão visitas, não faltarão importunos, que nos caiam em cima armados de um arsenal de perguntas a que somos forçados a responder de qualquer maneira.

Ora, isso é simplesmente horroroso.

Não ha quem supporte isso!

A mulher feia é virtuosa em extremo.

Dá-se como affinco ao trabalho da agulha. trata com interesse da roupa do marido, lê as *Horas Marianas*, apparece pouco a janelle, boa mãe de familia não tem capricho, nem vaidade e faz residir toda a sua ventura em aprender receitas de doces e elevar ao ultimo grão de apuro a confecção do bife de grelha, ou de ensopado de feijão fradinho.

Continua

ANNUNCIOS

Aluga-se

A casa e chacara á Rua de Sant'Anna Praia de Fóra n. 1, para tratar na Rua da Pedreira n. 13.

Advogacia

Dr. João Muniz Cordeiro Tatagiba, com Escritorio de advogacia e de negocios Administrativos.

Rua do Principe N. 2

(CAJUEIROS)
RIO DE JANEIRO

AULA NOCTURNA

DE

DEZENHO

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias uteis das 3 ás 5 horas da tarde e das 6 ás 9 da noite.

Manoel F. da Oliveiras.

Typ. e Lithographia de A. Margarida